



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

“HUM-HUM”: REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS SURDOS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Gildete Amorim¹
Clara Santos Henriques de Araújo²
Juliana Santos de Souza³

RESUMO: Historicamente os surdos têm sofrido com o estigma da deficiência. Pessoas surdas são ensinadas que sua condição é anormal, deficiente. No entanto, há atualmente um movimento para afirmar a falta de audição como diferença, e não déficit. Eles comporiam uma cultura diferente com uma língua diferente - a língua de sinais. Uma das características desta cultura seria a relevância da experiência visual enquanto artefato cultural. Estímulos e exemplos na mídia tornam-se, então, importantes para uma formação positiva da sua identidade. É preciso criar novos espaços onde os surdos são valorizados e vistos como iguais. Neste trabalho foram analisadas duas histórias em quadrinhos com personagens surdos, a *Turma da Mônica* e um mangá japonês ganhador de vários prêmios, *Koe no Katachi*. Observamos como é feita a representação surda e como se dá a aproximação intercultural entre surdos e ouvintes nestes meios - se é que ela acontece. Concluiu-se que os quadrinhos podem ser um ponto de encontro entre as culturas surda e ouvinte. No entanto, como lugar de fronteira, é também um lugar de tensões. Observamos esses conflitos nas duas obras analisadas - embora haja um interesse na representatividade dos surdos, a cultura surda propriamente dita ainda é pouco representada. Suas questões não são expostas de maneira a criar a conscientização

¹ Professor orientador

² Psicóloga e aluna de licenciatura de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Email: clarasharaujo@gmail.com

³ Aluna do Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Federal Fluminense. Email: juliana.wth@gmail.com



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

e a sensibilidade por parte dos ouvintes com a comunidade surda. É necessário valorizar um debate que proporcione a exposição das necessidades da sociedade surda para a sociedade ouvinte e cada vez mais, aproxime a realidade deles com a comunidade ouvinte.

Palavras chave: surdez; representação; quadrinhos; experiência visual.

ABSTRACT

Historically, the deaf have suffered the stigma of disability. Deaf people are taught their condition is a disability, not normal. However, nowadays there is a movement to affirm the lack of audition as a difference, and not a deficit. They compose a different culture with a different language (sign language). One characteristic of this culture is the relevance of the visual experience as a cultural artifact. Mediatic examples became important for a positive identity development. It is necessary to create spaces where deaf are valued and seen as equals.

In this article two comic books with deaf characters were analyzed: *Turma da Mônica* (the best-selling comic book in Brazil) and a prize-winner Japanese manga, *Koe no Katachi*. We observed how the deaf representation is made, and how deaf and listeners interact in these works - or if they interact at all.

In conclusion, comic books can be a meeting point between listening and deaf cultures. Nevertheless, as a frontier, it is also a place of tensions. We observed conflicts in both works analyzed - even though there is an interest in deaf representation, deaf culture still appears little. Their questions are not exposed in a way to create conscientization and sensibility with the deaf community.

Key words: deafness; representation; comics; visual experience.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar essa pesquisa surgiu a partir da participação nas aulas da disciplina LIBRAS I ministradas pela professora Gildete Amorim, na Universidade Federal Fluminense. Como alunas ouvintes, temos o objetivo de, com esse trabalho, promover um maior contato com a cultura surda. Fomos encorajadas pelas palavras da autora Karin Strobel, no seu livro "As imagens do outro sobre a cultura surda" (2003), a buscar essa aproximação intercultural e interlinguística com os surdos. Dessa forma, exaltamos o relacionamento com a comunidade surda para compreender as suas singularidades.

Há uma grande dificuldade da sociedade ouvinte em compreender a construção da cultura e da identidade do surdo, uma vez que estas são pouco conhecidas e representadas na mídia. São vários os conceitos e teorias sobre o que consiste a cultura surda, mas, simplificando, a cultura surda é o conjunto de normas, de valores e comportamentos que fazem com que os surdos se identifiquem e se sintam pertencentes a um grupo (STROBEL, 2013). A cultura surda retrata a vida que os sujeitos surdos levam; as suas conversas diárias, as lições que ensinam entre si, suas artes, os seus desempenhos, os seus mitos compartilhados, seu jeito de mudar o mundo, de entendê-lo e de viver nele (STROBEL, 2013).

A identidade surda pode ser conceituada como uma construção complexa influenciada por determinantes sociais e comportamentais (SANTANA; BERGAMO, 2005). Hoje, vemos uma mudança do estatuto da surdez, de patologia para fenômeno social, que veio acompanhada de uma reforma conceitual e de nomenclatura. Antes, os surdos eram considerados deficientes e a surdez uma patologia incurável. Agora, procura-se ver a surdez como uma questão social.

Normalmente, o surdo só terá a experiência de se comunicar com outro surdo tardiamente, pois com frequência ele nasce inserido em uma família de ouvintes que desestimula a comunicação pela língua de sinais. A justificativa é que a criança se



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

tornaria preguiçosa para aprender a oralização(CAMPELLO, 2008). Como consequência, muitas crianças surdas não desenvolvem uma língua, pois não houve essa identificação com um outro surdo, não há o fenômeno da formação da sua identidade, não há a aceitação da sua cultura. Com isso, muitos podem ter até mesmo vergonha de usar a língua de sinais, pois foram doutrinados a se oralizarem para atingir a “normalidade”. Eles não se reconhecem como surdos e sim, deficientes.

É preciso criar novos espaços onde os surdos são valorizados e vistos como iguais. Criar a consciência de que os surdos podem se adequar a sociedade sem abrir mão da sua individualidade como sujeito surdo, e principalmente, se aceitar como tal.

Na mídia ainda temos pouca representatividade dos surdos. Isso reflete o pouco grau de conhecimento dos ouvintes sobre a condição surda, sobre sua cultura, seu modo de vida e de comunicação. A valorização desses espaços midiáticos, pode promover a aproximação dos sujeitos ouvintes com a cultura surda, e criar novas subjetividades e histórias. E por que trabalhar com histórias em quadrinhos, especificamente? Os sujeitos surdos percebem o mundo de uma maneira visual e as histórias em quadrinhos podem ser um instrumento de aproximação entre as culturas surda e ouvinte. Com as histórias em quadrinhos podemos promover a identificação da criança e adulto surdo, contribuindo para o processo de formação sadia da sua identidade. Mais do que isso, promover conscientização da surdez como uma condição diferente, e não deficiente.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

De modo geral, os ouvintes acreditam que não conseguir ouvir é uma deficiência. O que o movimento surdo reivindica é que não conseguir ouvir é uma diferença neutra, ou seja, não é melhor nem pior do que ouvir. A deficiência seria criada a partir do preconceito que os ouvintes tem com quem não escuta e do fato da sociedade não estar ainda adaptada para as diferenças.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Por exemplo, na infância, as crianças surdas costumam ser submetidas a exercícios de oralização com o intuito de virem a falar como os ouvintes, se moldarem e ficarem o mais próximo possível do que é considerado normal - se comunicar pela oralidade (CAMPELLO, 2008). As crianças não são estimuladas a encararem a surdez como um outro modo de estar no mundo. Não são incentivadas a se valorizarem enquanto sujeitos surdos, terem orgulho de sua condição, mas ensinadas de que sua condição é "anormal", "deficiente". Mais do que isto: sujeitos surdos relatam que profissionais ouvintes duvidam da sua capacidade de ler e escrever (STROBEL, 2013). Isto é uma questão social: a sociedade vê pessoas que não escutam como pessoas de algum modo inferiores.

A luta pelo reconhecimento da cultura surda é árdua. A surdez ainda é vista através de um olhar clínico-terapêutico (diagnosticada como uma doença) ao invés de um fenômeno social - o que impede avanços na questão da educação e do desenvolvimento do surdo (SANTANA; BERGAMO, 2005). Famílias ouvintes com filhos surdos tendem a receber o diagnóstico como algo negativo - buscam na medicina a esperança de que seu filho possa ouvir. Isto leva em conta mais a adequação à sociedade do que a individualidade surda daquela criança. A busca pela oralidade faz com que a língua de sinais não seja a primeira opção (STROBEL, 2013).

Os surdos, por sua ausência de audição, experienciam o mundo de maneira visual (STROBEL, 2013). Sujeitos surdos não desconhecem o som: eles o percebem visualmente por seus efeitos no ambiente em que se encontram e o interpretam (CAMPELLO, 2008). Por exemplo, podem perceber na expressão de desconforto de alguém que o barulho de um móvel arrastando no chão é desagradável. Não à toa a língua de sinais é viso-gestual, construída na imagem: configuração de mãos, gestos, expressões faciais... o corpo inteiro está envolvido.

A experiência visual é um artefato cultural do povo surdo, influencia no modo como eles se relacionam - Strobel (2013) nos conta que ficar frente a frente é uma



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

situação muito valorizada em uma conversa, e que surdos preferem ambientes com boa iluminação para poderem conversar melhor.

Se a visualidade tanto contribui para a formação de sentidos e significados para o sujeito surdo, as histórias em quadrinhos, por sua qualidade visual, parece ser um meio privilegiado para se tratar da cultura surda - inclusive é um instrumento que mesmo quando escrito por ouvintes e para ouvintes, frequentemente abdica de qualquer escrita para ressaltar as imagens⁴ (há algo da experiência visual que não pode ser passada na língua escrita sem alguma perda).

No entanto, é certo que a maioria dos quadrinhos se utiliza também da linguagem escrita. Campello (2008) nos diz que a língua escrita é a representação da língua falada. No entanto, a língua de sinais notoriamente não é uma língua escrita e por causa disso palavras podem não ter valor de signo para estudantes surdos. Os signos dos surdos não remetem a fonemas, remetem a imagens. A leitura de história em quadrinhos, no entanto, poderia servir como ponte entre duas línguas. Para surdos que queiram aprender a língua oral, e para ouvintes interessados em desenvolver sua capacidade visual. Campello (2008) narra uma experiência significativa:

“Assim, tornei-me bilíngüe. A leitura dos livros me possibilitou o acesso ao mundo desconhecido e distante dos sons. Inicialmente comecei a captar as letras visuais, por gibi ou por revistas em quadrinhos, acompanhando as performances e competência lingüística dos personagens com seus diálogos introduzidos nos balões ou mesmo na ausência dos balões. Captava, também, os desenhos sem legenda o que me possibilitou criar um senso crítico visualmente constituído...”(CAMPELLO, p.20, 2008)

⁴ Por exemplo, o escritor e ilustrador australiano Shaun Tan tem um livro em quadrinhos chamado “The Arrival” que não contém uma fala e ganhou diversos prêmios de literatura (READING AUSTRALIA). A própria Marvel, gigante dos quadrinhos, em 2014 lançou uma história do Gavião Arqueiro sem falas e com legendas em linguagem de sinais (o personagem havia perdido temporariamente a audição) (GARCIA, 2014). A Marvel também promoveu um evento chamado ‘Nuff Said, que era uma edição sem texto da revista de cada um de seus personagens, em um desafio para seus artistas contarem histórias sem palavras (MARVEL DATABASE).



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Pensando nisso, optamos por realizar um estudo de caso de dois quadrinhos de grande circulação que representam personagens surdos: Turma da Mônica e Koe no Katachi. Como qualquer espaço de fronteira, principalmente em uma área marcada por relações de poder assimétricas, pode-se imaginar que será um espaço marcado por tensões e conflitos. Zonas de contato são espaços em que culturas se encontram e criam linhas de diferenças, em contextos de poder que não são simétricos (QUADROS; MASSUTTI, 2007). Pode se tornar um campo de guerra, pode se tornar um espaço de compreensão.

CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

Realizou-se uma análise qualitativa da representação de personagens surdos nas histórias em quadrinhos. Estudamos os casos dos gibis dos estúdios da Turma da Mônica e do mangá Koe no Katachi, a partir de uma revisão de literatura sobre identidade e cultura surda.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Turma da Mônica é a história em quadrinhos mais vendida do Brasil, tendo completado mais de 50 anos de circulação. Ela foi adaptada para várias mídias, filmes, programas de TV. Diversos produtos levam a marca da Turma da Mônica - brinquedos, artigos de papelaria, parque de diversões. Dentre os muitos personagens da turma, chamamos a atenção especialmente para um: Humberto.

Em 17 de março de 1960 o personagem que viria a ser Humberto aparece pela primeira vez em uma história de Bidu e Franjinha “O ovo da discórdia”, em que ele é um personagem secundário. Sua única fala, que posteriormente deu origem ao seu nome, é “Hum”. Ele surge novamente em uma tira de agosto do mesmo ano, mas seu nome só foi revelado um ano depois (TUDO SOBRE TURMA DA MÔNICA, 2016). Ele ganhou mais importância nos anos 80, estreando histórias onde se mete em diversas



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

situações por não conseguir se comunicar com os outros personagens, apesar de entendê-los perfeitamente (não fica claro se ele escuta ou se faz leitura labial).

Humberto segue sendo personagem secundário, mas ao contrário de outros personagens secundários (como o Xaveco, que ganhou uma irmã) não conhecemos sua família, ou se tem um bichinho de estimação, ou do que ele gosta. Na Turma da Mônica, gibis de histórias curtas e independentes, todos os personagens são marcados a partir de uma característica que os define - ex. a Magali é gulosa, o Cascão não toma banho. Isso os torna facilmente identificáveis a partir de qualquer revistinha que se pegue, independente da ordem. A característica de Humberto é não falar. Sobre ele, sabemos apenas que só fala “hum” e que ninguém o entende - sem que haja qualquer explicação para isso. Esta é inclusive a definição dada a ele no site oficial da Turma da Mônica:

“Humberto, amiguinho de toda a Turma da Mônica, não fala. Só murmura “hum-hum”... Uns acham que ele é mudinho. Outros, que economiza a voz. Mas, enquanto isso, ele vai aprontando suas confusões. Por exemplo: quando alguém lhe pergunta “quantos doces você quer?”, ele nunca conseguiu ganhar dois. Sempre ganha apenas um!” (MAURÍCIO DE SOUZA PRODUÇÕES, 2016)

Ora, não parece que ganhar apenas um doce quando se queria ganhar dois seja *aprontar uma confusão* - ao contrário, parece que Humberto se prejudica por não falar como todos os outros personagens. Strobel (2013) nos conta que na cultura surda, situações envolvendo a incompreensão entre a comunidade ouvinte e a surda é o tema de grande parte das piadas. O caso de Humberto parece ser diferente: não fica claro que existem outros modos de estar no mundo que não o ouvinte. Apenas ele é motivo de piada dos demais unicamente por ser o que ele é: alguém diferente, que não fala.

Aos poucos o estúdio Turma da Mônica começa a mostrar a preocupação em incluir mais diversidade entre seus personagens. Assim surgem, em 2004, Dorinha, uma deficiente visual, e Luca, um cadeirante (MAURÍCIO DE SOUZA PRODUÇÕES). É nesse embalo que em maio de 2006 fica esclarecida a forma que Humberto usa para se comunicar, em uma história intitulada “Aprendendo a falar com as mãos”. Nela,



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

descobrimos que Humberto se comunica através de LIBRAS (ESTÚDIOS TURMA DA MÔNICA, 2006). A turminha aprende também para conseguir se comunicar com ele, fazendo com que surja um novo tipo de balão de fala: este balão tem o formato de dedos, diferenciando-o dos balões da língua oral e dos balões de pensamento. Humberto é portanto ressignificado enquanto personagem, de “mudinho” ou de quem simplesmente não quer falar, a uma pessoa que tem uma forma própria, embora diferente, de se comunicar.

Em agosto de 2011, é lançada uma edição especial da Turma da Mônica cujo título é “Saiba Mais! Com a turma da Mônica - Inclusão Social”. A história apresenta todos os personagens deficientes da turma, com um pequeno texto sobre cada deficiência. Além da Dora e do Luca, citados anteriormente, temos uma menina com Síndrome de Down e um garoto autista. Humberto é um dos personagens, aparecendo sob o diagnóstico de “deficiente auditivo e de fala” (TURMA DA MÔNICA, p. 6, 2011). A utilização do termo “deficiente”, e não “surdo”, já marca o lugar de fala do qual partirá a história, assim como o fato de Humberto ser “explicado” pela personagem Mônica, uma ouvinte. A seguir um trecho do texto destinado ao Humberto:

“As pessoas que nascem surdas têm mais dificuldade de aprender, pois, não conhecendo a fonética das palavras, fica mais difícil adquirir uma língua! Bem diferentes das que ficam surdas e já sabem se comunicar! Muitas pessoas adquirem a deficiência auditiva por lesões ou doenças! Em muitos casos, essas pessoas passam a usar aparelhos auditivos ou recorrem a cirurgias para corrigir o seu problema! Caso isso não seja possível, com o tempo essas pessoas vão precisar se comunicar de outra maneira!” (Turma da Mônica, p. 8, 2011)

Apesar de ser uma história voltada para promover a inclusão de personagens diferentes, parece claro que o ouvinte é valorizado como forma ideal de comunicação - a surdez é *o seu problema*. Ou seja, o quadrinho pretende dar visibilidade aos indivíduos surdos através da deficiência. Se pensarmos, como Gesser (2008) afirma, que o discurso sobre a surdez na sociedade ouvinte é construído principalmente sobre a perda auditiva, sobre a perspectiva da patologia, podemos pensar que esta história foi escrita por pessoas ouvintes para um público exclusivamente ouvinte. Ströbel (2007)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

nos lembra que historicamente as representações surdas foram pautadas pelo saber de médicos e educadores, para os quais surdos só viveriam normalmente se aprendessem a falar:

“Com isto, brotou a necessidade de aperfeiçoar a “qualidade de vida” dos sujeitos surdos, realçada pelos princípios que norteiam a inclusão e a “normalização” e pela evolução do conceito de promoção de saúde. Por exemplo, estimular para que os sujeitos surdos aprendam a falar e a ouvir, fazendo com que aparentem ser “ouvintes”, isto é, usarem identidade mascarada de “ouvintes”, tendo a surdez fingida ou negada. (STRÖBEL, p. 25, 2007)”

Esta história da Turma da Mônica não rompe esse visão, ao contrário, nos dá a entender que o ideal para o surdo é ouvir através de aparelhos. A última alternativa, denominada como “outra maneira”, é a língua de sinais. Descobrimos isso pela ilustração (algo estereotipada) que acompanha esta fala: dois homens fazendo gestos na frente do corpo e balançando para cima e para baixo os braços estendidos ao lado do corpo (como se fossem voar), enquanto o balão de pensamento esclarece que eles estão dizendo “oi, como vai?” “vou bem, e você?”. Na página seguinte temos o “alfabeto de sinais”. Como a Linguagem Brasileira de Sinais não é nomeada, não fica claro se esse modo gestual de comunicação dos surdos é uma linguagem própria, ou uma mera tradução da língua falada portuguesa. LIBRAS é gramaticalmente diferente do português (STROBEL, 2013, QUADROS; MASSUTTI, 2007), e não sua tradução para gestos - além disso, é um instrumento fundamental na cultura surda, uma vez que permite a livre expressão dos sujeitos surdos ao captar as suas experiências visuais (STROBEL, 2013).

Sobre a afirmação de que surdos tem mais dificuldade de aprender uma língua, isso não é, necessariamente, verdade: filhos surdos de pais surdos não apresentam atraso no desenvolvimento da linguagem, pois a família se comunica com ela em língua de sinais desde cedo (STROBEL, 2013).

Enfim, Humberto parece um personagem que não surgiu para representar a cultura surda, e sim para criar histórias cômicas sobre alguém que não fala. Ao tornar-se efetivamente um personagem surdo, ele continua sendo escrito de um ponto de vista



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

ouvinte para um público ouvinte, sem trazer para os quadrinhos qualquer informação sobre a cultura surda.

Outra produção em formato de quadrinhos que aborda o tema da surdez é o mangá japonês Koe no Katachi, traduzido para o português como “A Voz do Silêncio”. A história foi escrita por Yoshitoki Ooima com a consultoria da Federação Japonesa de Surdos (OOIMA, 2017). O mangá foi vencedor de vários prêmios, como o Ozamu Tezukapara novos artistas (19th TOCP, 2015). Foi traduzida e exportada para outros países - está sendo lançada no Brasil através da Editora NewPop (NEW POP). A obra foi adaptada para o cinema e ganhou o Japan Movie Critics Awards 2017, na categoria de melhor animação do ano. (JMCAO, 2017)

A história gira em torno do relacionamento entre Shoya Ishida, um menino ouvinte e Shouko Nishimiya, uma menina surda. Shouko se muda para a escola onde Shoya estuda no sétimo ano do ensino fundamental. Devido a sua surdez, a menina sofre bullying, até que acaba por se mudar de escola. Seis anos depois, Shoyo a procura para se desculpar por não estabelecer uma comunicação com ela quando eram crianças.

A presença de Shouko, a única aluna surda da escola, altera a vida das pessoas do seu entorno. Apesar da aluna ter a matrícula aceita na escola, a instituição não se adapta para recebê-la: não tem qualquer tipo de intérprete para língua de sinais (LS), professores falam sobre a matéria de costas para a turma (sem que Shouko possa tentar fazer leitura labial) e atividades como ditados ou canto coral são tratadas como se não requeressem qualquer tipo de adaptação para que Shouko pudesse participar.

Independente disso, Shouko tenta ao máximo se adaptar. Ela se comunica através de um caderno, e pede aos colegas que se comuniquem com ela através dele. Se esforça para fazer amigos, tentar ler lábios - ela quer entender o que é dito ao seu redor e participar como qualquer outro aluno da turma. Este esforço para pertencer parece ser frequente em crianças surdas nascidas em famílias ouvintes (STROBEL, 2013, SANTANA; BERGAMO, 2005), assim como a frustração de, por mais que se tente, não conseguir ser igual a todos os outros colegas. Shouko também passa por isso,



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

mesmo quando começa a utilizar aparelhos para ouvir e tentar falar. Ela é sempre considerada anormal.

“Infelizmente, os surdos têm sido narrados e definidos exclusivamente a partir da realidade física da falta de audição e, portanto, aos olhos da sociedade majoritária ouvinte, têm sido vistos exclusivamente a partir desse fato. O efeito disto é que os surdos e as línguas de que fazem uso (LIBRAS e português escrito/oral) tornam-se telas com espaços em branco para a projeção do preconceito cultural e do discurso da “normalização” (GESSER, p.230, 2008)

Ao mesmo tempo, é colocado desde o início que Shouko conhece língua de sinais e se comunica com ela. A representação da Língua de Sinais na ilustrações é cuidadosa: vemos as mãos e as expressões dos personagens detalhadamente. Quando personagens surdos sinalizam, não há qualquer legenda (personagens ouvintes frequentemente falam ao mesmo tempo que sinalizam). Fica evidente ao longo da história que este é o modo privilegiado de comunicação para Shouko, no qual ela consegue se expressar e entender tudo que lhe é dirigido. Mais do que isso, os personagens que aceitam Shouko como sujeito surdo procuram aprender língua de sinais espontaneamente para se aproximar dela. Por exemplo, Ishida inicialmente considera Nishimiya como um “ser de outro planeta”, ele nunca tinha visto um surdo, não a entende e acredita que por não ouvir ela nada compreende do que se passa ao seu redor. Ao longo da história, outras facetas de ambos os personagens são reveladas. Ishida entende que a menina pertence sim a essa planeta e àquela turma como ele, o que o leva a buscar Shouko novamente. Para tal, ele aprende Língua de Sinais. Pode-se fazer um paralelo entre esta situação e as consequências sociais de se considerar a língua de sinais como língua:

“Ser normal implica ter língua, e se a anormalidade é a ausência de língua e de tudo o que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se configura a língua de sinais como língua do surdo, o estatuto do que é normal também muda. Ou seja, a língua de sinais acaba por oferecer uma possibilidade de legitimação do surdo como “sujeito de linguagem”. Ela é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença, em normalidade.” (SANTANA; BERGAMO, p.567, 2005)

Em um dos diálogos mais importantes e densos da história, em que Ishida e Nishimiya falam sobre seus sentimentos de tristeza e culpa após uma tentativa de



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

suicídio, Nishimiya usa LS, e na publicação original não há legenda para o que ela está dizendo: acompanhamos sua expressão facial, sua configuração de mãos e a expressão de Ishida.

No entanto, apesar do mangá representar a Língua de Sinais, pouco sabemos sobre o resto da comunidade surda da história. Sabemos que Shouko frequenta uma escola especial, na qual ela está se saindo bem, e um centro de estudos de LS. No final da escola, ela recebe uma oportunidade de estágio por parte de uma mulher, também surda, na carreira que ela queria. Entretanto, não a vemos interagindo de fato com nenhuma outra pessoa surda. Sabendo da importância de representações de personagens surdos, e que elas são escassas na História; é necessário constantemente reafirmá-las frente aos ideais ouvintes (STROBEL, 2007). Pode ser que o mangá tenha perdido a oportunidade de nos mostrar outros personagens surdos; adultos, talvez, que fossem outra referência no enredo.

A própria identidade de Shouko é constituída de muitas formas, não apenas pelo uso fluente da linguagem de sinais, mas por sua apropriação da linguagem oral. Não se pode dizer no entanto que ela não tem uma identidade surda. Ela tem o que Perlin (2002) poderia chamar de *identidade surda de transição*. Nascida em família ouvinte, não fica claro com que idade ela começou a ter contato com outros surdos. A identidade surda, como qualquer outra identidade, não é única e finita. É fluida, inconstante, mutável, dada nas relações com outros sujeitos. “A identidade seria uma construção permanentemente (re)feita que buscaria tanto determinar especificidades que estabeleçam fronteiras identificatórias entre o próprio sujeito e o outro quanto obter o reconhecimento dos demais membros do grupo social ao qual pertence.” (SANTANA; BERGAMO, p.568, 2005). Shouko ocupa outros espaços além de surda, por exemplo, como irmã mais velha preocupada e atenciosa.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

CONCLUSÃO

Nosso trabalho tinha como objetivo analisar a representação de personagens surdos em histórias em quadrinhos. Como uma mídia que favorece a visualidade, os quadrinhos podem ser um ponto de encontro entre a cultura surda e ouvinte. No entanto, como lugar de fronteira, é também um lugar de tensões.

Observamos esses conflitos nas duas obras analisadas - embora haja um interesse em representar personagens surdos, a cultura surda propriamente dita aparece pouco. Nos gibis da Turma da Mônica aparece uma visão médica da surdez, e pouco sabemos sobre seu personagem surdo, Humberto. O mangá Koe no Katachi pretende fazer uma representação mais complexa de seus personagens e os conflitos pelos quais sujeitos surdos passam no convívio com uma sociedade ouvinte. Embora consiga uma representação mais interessante de sua personagem surda (com nuances e complexidade), também se abstêm de representar surdos enquanto comunidade.

Acreditamos que a diferença de culturas entre surdos e ouvintes só pode ser respeitada a partir do momento em que estamos dispostos a entender o outro, abertos a encontrá-lo. Como diz Bigogno (2010):

“Não há como respeitar essa diferença sem conhecê-la minimamente, sem se tornar sensível a ela, o que significa perceber a si mesmo e ao outro em sua alteridade, isto é, como pessoas com formas distintas de apreensão do mundo e linguagem, o que implica em diferentes formas de compreensão de ideias e expressão de pensamento” (BIGOGNO, p. 15, 2010).

Mas como conhecer o outro se sua existência não é representada nas mídias? Provavelmente, se estas obras de grande circulação tivessem sido escritas e realizadas por pessoas surdas, teríamos outra representação da surdez, uma representação politicamente comprometida com o debate da cultura surda.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIGOGNO, Paula. **Cultura, comunidade e identidade surda: o que querem os surdos?** 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/graduacaoocienciais/files/2010/11/Cultura-Comunidade-e-Identidade-Surda-Paula-Guedes-Bigogno.pdf>> Acesso em 25 de maio 2017

CAMPELLO, Ana regina. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos.** 169 f. Tese (Doutorado) - Programa Pós-graduação de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

ESTÚDIOS TURMA DA MÔNICA, Vendendo Sorvetes, **Almanaque do Cebolinha**, Ed. Globo, N. 11. 1990.

ESTÚDIOS TURMA DA MÔNICA, Aprendendo a falar com as mãos. **Turma da Mônica**, Ed. Globo, N.239. 2006.

ESTÚDIOS TURMA DA MÔNICA; **Inclusão Social**, 2011. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/saibamaisinclusaosocial/>> Acesso em: 26 de maio 2017

GARCIA, Marco. **Quadrinhos silenciosos, a linguagem de sinais nas HQs.** 2014. Disponível em: <<https://pedagogiaequadrinhos.wordpress.com/2014/07/30/quadrinhossilencioso-a-linguagem-de-sinais-nas-hqs/comment-page-1/>> Acesso em 21 de maio, 2017.

JAPANESE MOVIE CRITICS AWARDS, 2017. Disponível em: <<http://jmcao.org/>> Acesso em: 26 de maio 2017.

MARVEL DATABASE, **‘Nuff Said.** Disponível em <http://marvel.wikia.com/wiki/%27Nuff_Said> Acesso em: 21 de maio, 2017.

MAURÍCIO DE SOUZA PRODUÇÕES, **Personagens.** Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/humberto/>> Acesso em 22 de maio 2017.

NEW POP, **A Voz do Silêncio (Koe no Katachi).** Disponível em: <<http://www.newpop.com.br/?p=1920>> Acesso em 22 de maio 2017.

OOIMA, Yoshitoki, **Koe No Katachi - A Voz do Silêncio**, New Pop. 2017.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

PERLIN, Gladis. **As diferentes identidades surdas**. Revista da FENEIS, n 4, p.2-4, 2002.

QUADROS, Ronice; MASSUTTI, Mara. **CODAs Brasileiras: Libras e português em zonas de contato**. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis. Estudos surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007 capítulo 9, p. 238-266.

READING AUSTRALIA, **The Arrival**. Disponível em
 <<https://readingaustralia.com.au/books/the-arrival/>> Acesso em 22 de maio 2017.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: Encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Rev.Educ.Soc. v. 26, n. 91, p. 565-582, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3 ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

STROBEL, Karin. **História dos surdos: Representações “mascaradas” das identidades surdas**. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis. Estudos surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007 capítulo 1, p. 18-37.

TUDO SOBRE TURMA DA MÔNICA. **Tudo sobre Humberto**. 2016. Disponível em:
 <<https://www.youtube.com/watch?v=zavKC6olsTk>> Acesso em: 26 de maio de 2017.

19th Tezuka Osamu Cultural Prize Nominees Announced. 2015. Disponível em
 <<http://www.animenewsnetwork.com/news/2015-02-23/19th-tezuka-osamu-culturalprize-nominees-announced/.85311>> Acesso em 26 de maio 2017.